

O Pentecostalismo no Brasil

Ingo Wulforst

Em 1993 a *Folha de S. Paulo* trouxe uma seqüência de artigos sobre o pentecostalismo no Brasil. Diz a manchete: “O grupo religioso que mais cresce hoje no Brasil são os pentecostais. Segundo a Associação Evangélica Brasileira existem 35 milhões de evangélicos no país, dos quais 25 milhões são pentecostais.”¹ Exagero ou não, chegou a hora de nós evangélicos de confissão luterana refletirmos sobre o pentecostalismo e os desafios que ele representa para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Como contribuição para tal reflexão, apresento aqui uma rápida introdução ao pentecostalismo no Brasil. Vamos perguntar pela origem do pentecostalismo brasileiro e conhecer as maiores igrejas pentecostais do país. Por fim, vamos abordar alguns elementos doutrinários fundamentais do pentecostalismo.

No Brasil os pentecostais tornaram-se conhecidos como “crentes”. Ao perguntarmos pela sua origem, devemos no mínimo voltar aos séculos 17 e 18 na Inglaterra. Lá surgiram os *believers* (crentes) entre os mineiros ingleses, os mais explorados dos explorados durante a revolução industrial. Perseguidos pela polícia, alguns fugiram para os Estados Unidos, onde se localiza o berço do pentecostalismo brasileiro, mais especificamente na cidade de Los Angeles. Lá o pentecostalismo surgiu em 1906 a partir do assim chamado “movimento de santidade”. Esse movimento, fortemente influenciado pelo conceito de Wesley acerca da perfeição humana, acentuava que se deve diferenciar a santidade da justificação e que a santidade é uma segunda obra da graça de Deus. O núcleo mais forte era a Escola Bíblica de Topeka, onde se defendia que o falar em línguas era um sinal que acompanhava o Batismo do Espírito Santo.

Em 1906 o pregador negro W. J. Seymour foi pregar na igreja negra da evangelista Nelly Terry em Los Angeles sobre Atos 2.4. Pregou que, além da justificação e santificação, Deus teria uma terceira bênção, ou seja, o Batismo do Espírito Santo. A evangelista ficou escandalizada e expulsou o pregador Seymour da sua igreja. Ele não desistiu, e realizava reuniões de oração na Rua Azuza 312, onde, no dia 6 de abril de 1906, um menino negro de 6 anos falou em línguas, seguido por outros. Nascia o pentecostalismo entre os negros.

No movimento pentecostal negro a santificação fazia parte da luta política de resistência à dominação econômica dos brancos e da força cultural negra, expressas em símbolos, ritmos e canções. As suas canções de libertação negra (*negro spirituals*) eram consideradas revelação divina. Os brancos pentecostais foram se separando dos negros pelo ano de 1908².

Enquanto que para os pentecostais negros Cristo era um Cristo negro dos pobres e oprimidos, também em sua dimensão política, os pentecostais brancos se limitaram à experiência religiosa unicamente voltada para o sagrado, separando a prática religiosa da missão sócio-política³. É nesse pentecostalismo dos brancos nos Estados Unidos que encontramos o berço do pentecostalismo brasileiro. Numa das reuniões pentecostais de Seymour o pastor batista W. H. Durham, de Chicago, estava presente e também falou em línguas. Então levou essa experiência para a sua Igreja em Chicago. Ele ressaltava que a justificação já é o início da santificação e que, por conseguinte, o Batismo do Espírito Santo seria a segunda bênção. Reencontramos essa doutrina no pentecostalismo brasileiro, pois na Igreja de Durham em Chicago encontramos o núcleo comum a partir do qual se formariam “as três vertentes do pentecostalismo brasileiro”: a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Evangélica Quadrangular no Brasil⁴.

1. Assembléia de Deus

Devido a uma profunda recessão econômica existente na Suécia, os operários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren migraram em 1902 para os Estados Unidos à procura de trabalho e de melhores condições de vida. O batista Daniel converteu-se ao pentecostalismo e participou da Igreja de Durham em Chicago. Mas as Assembléias de Deus aos poucos foram alcançando camadas sociais mais elevadas. Entretanto, a composição de seu quadro de membros continuava se caracterizando pelas camadas mais populares das cidades e da área rural. Gunnar estudou por quatro anos num seminário batista sueco em Chicago e em 1909 recebeu o Batismo pelo Espírito Santo.

Um irmão na fé contou a Daniel e Gunnar uma visão celestial na qual aparecia a palavra “Pará”. Credo que essa visão seria o chamado para a missão, foram consultar o mapa-mundi e encontraram no mapa do Brasil o estado do Pará. Consideraram este fato como confirmação divina. Procuraram recursos financeiros para a viagem e seguiram para Belém do Pará. Chegaram lá em 1910 e procuraram a Igreja Batista. Não demorou muito e já dirigiam reuniões de oração e de estudo, nas quais ressaltavam o Batismo no Espírito Santo, o falar em línguas e a cura. O pastor batista reagiu de forma contrária a essas idéias e o conflito resultou numa cisão, pois 18 batistas se uniram aos dois missionários suecos e fundaram a primeira Igreja local da Assembléia de Deus em 1911, em Belém.

A Assembléia de Deus foi-se propagando pelo nordeste, mas muito devagar para o sul, chegando apenas em 1927 em São Paulo. Durante o processo de industrialização e urbanização a Assembléia de Deus cresceu muito entre operários de baixa renda, e também na “explosão” pentecostal a partir da década de 50. Por volta de 1930 cerca de 15.000 pessoas faziam parte da Assembléia de Deus, e hoje ela teria 13 milhões de fiéis, conforme a Associação Evangélica Brasileira (AEVB).

Não há dúvida de que a Assembléia de Deus cresceu na medida do crescimento da pobreza na periferia das cidades e do campo. As classes populares são atraídas pelo apoio e solidariedade, pela liberdade de expressão e manifestação religiosa nos cultos e outras reuniões e pelo acesso direto às lideranças.

Mas a ascensão social e o acesso à instrução de alguns membros começaram a trazer conflitos entre os conservadores e aqueles que desejavam mudanças nos costumes tradicionais pentecostais de não assistir a TV, rádio e cinema, p. ex., e de proibir vestimenta feminina com características masculinas ou indecorosa.

O acesso à instrução levou à fundação de institutos bíblicos e de uma editora, que publica o semanário *Mensagem da Paz*, revistas, textos teológicos e livros, começando a sistematizar a sua teologia, que está centrada na conversão pessoal.

As Assembléias de Deus estão organizadas em Convenção Nacional, que propositalmente sofre uma série de limitações em favor de uma grande liberdade das congregações locais. A divisão em ministérios regionais semi-autônomos lembra o sistema presbiteriano. O que mais me impressiona é que em São Leopoldo, p. ex., há somente um pastor que coordena o trabalho dos demais obreiros em 25 igrejas na cidade. Com isso eles continuam fazendo parte do povo, não havendo uma separação de classe entre povo e obreiros. Naturalmente há tendências bastante fortes de formação de uma hierarquia, na qual o pastor ocupa o posto mais elevado.

2. A Congregação Cristã no Brasil

O operário italiano Luigi Francescon teve uma experiência semelhante aos suecos Daniel e Gunnar. O valdense Luigi migrou para Chicago e lá se tornou membro da Igreja Presbiteriana Italiana. Mas assistiu a reuniões na igreja de Durham e lá recebeu o dom de falar em línguas em 25 de agosto de 1907, como afirma. Motivado por uma visão semelhante à de Daniel e Gunnar, Luigi foi a Buenos Aires, Santo Antônio da Platina (PR) e finalmente ao Brás, bairro de migrantes italianos na cidade de São Paulo, numa época profundamente marcada por movimentos operários e greves em busca de melhores condições de trabalho.

Luigi pregou em 1909 numa igreja presbiteriana, e a sua pregação carismática, a exemplo de Daniel e Gunnar, causou profundas divergências, que desembocaram na formação da Congregação Cristã em 1910.

Luigi não era missionário nem era sustentado por uma missão estrangeira. Por isso Antônio Gouvêa Mendonça ressalta que essa Igreja pode ser considerada a primeira Igreja Pentecostal brasileira. Além disso, a Congregação só manteve os cultos em língua italiana durante duas décadas, passando então definitivamente para a língua nacional. E devo ressaltar ainda que na década de 1950 entraram muitos nordestinos na Igreja, pois estes iriam ocupar o lugar dos italianos e de seus

descendentes no Brás, acontecendo uma verdadeira explosão numérica de membros da Congregação. Esta foi-se difundindo para os estados brasileiros, especialmente São Paulo e Paraná, e para outros países. A Congregação nega-se a registrar o número de seus membros por causa da proibição veterotestamentária de contar o povo de Deus. Calcula-se que ela tenha mais de um milhão de membros.

Luigi era proveniente da Igreja Presbiteriana, e por isso é fácil entender que a Congregação Cristã crê na doutrina da predestinação. Essa doutrina serve para a Igreja explicar por que alguns membros batizados na Congregação saem da mesma, pois afirma que só os “eleitos”, os “verdadeiramente chamados” permanecem na Igreja. Por causa da doutrina da predestinação, a Congregação Cristã não faz evangelizações nem apelos à conversão. Pelo mesmo motivo, no Batismo não são formuladas perguntas ao batizando.

Mesmo tendo uma boa percentagem de membros de classe média, a maioria dos membros da Congregação Cristã são de classe trabalhadora e pobre, com a expectativa de ascensão social como prêmio da obediência, que é um elemento importante da tradição calvinista. Devem-se ressaltar a solidariedade comunitária e duas diferenças fundamentais para com outras igrejas pentecostais: 1) os membros não estão submetidos a nenhuma disciplina (com exceção da exclusão da Igreja por causa de adultério) e 2) um culto muito ordenado.

A Congregação Cristã tem uma administração central, e a uniformidade doutrinária é mantida pela assembléia anual dos obreiros na grande sede no Bairro do Brás. A Congregação publica apenas o relatório anual e nada mais. Não publica nem recomenda literatura religiosa.

3. Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil

A jovem metodista canadense Aimee Semple McPherson converteu-se em 1907 numa pregação de um missionário pentecostal. Diz que um ano mais tarde teve a experiência da cura divina na Igreja de Durham. A pregação da cura divina veio a ser a característica desta Igreja. Aimee foi como missionária para a China. Posteriormente retornou a Los Angeles e lá fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular.

O pregador Harold Williams, com a ajuda do pregador de cura divina Raymond Bootright, realizou uma intensa campanha em tendas de lona de circo pelo Brasil afora, sob o nome de “Cruzada Nacional de Evangelização”, pregando a cura divina. E algumas congregações da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil no estado de São Paulo abriram suas portas para a evangelização centrada na cura divina. Em 1953 este movimento evangelístico desembocou na organização e institucionalização da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil. Em especial o trabalho evangelístico da Cruzada Nacional conseguiu um grande crescimento desta Igreja nas primeiras décadas, inclusive a partir da evangelização de membros de denominações tradicionais. Lembro-me muito bem de quando, há 25

anos, chegaram os missionários da Quadrangular na minha cidade de Santo Ângelo. Falavam contra a existência de templos de igrejas cristãs, pois Deus não morava em templos, e sim no coração das pessoas. Falaram também contra a formação de pastores e missionários, bem como contra a institucionalização das igrejas.

Na sua forma “liberal” de vestir-se os membros desta Igreja se assemelham às igrejas tradicionais, em contraste com as normas rígidas de vestir-se na maioria das igrejas pentecostais. Mas parece que o crescimento perdeu esse seu ímpeto pessoal, e ela é atualmente uma Igreja institucionalizada como as demais, dependendo ainda hoje de recursos financeiros e de lideranças dos Estados Unidos. Talvez este seja um dos motivos por que esta Igreja não abrange todas as camadas populares, como o fazem as Assembléias de Deus, a Congregação Cristã e outras.

Na sede desta Igreja na cidade de São Paulo temos em quatro placas luminosas e coloridas: “Jesus salva” (em vermelho), “Jesus batiza no Espírito Santo” (amarelo), “Jesus cura” (azul), “Jesus volta” (marrom). São os quatro pilares da doutrina da Igreja do Evangelho Quadrangular. A fundadora afirma que teve a visão desse ministério quádruplo de Cristo durante uma pregação num tabernáculo em 1922, em Oakland, EUA.

Administrativamente esta Igreja está subdividida em regiões e distritos, a exemplo da Igreja Metodista e da IECLB. Importante é a constatação de Antônio G. Mendonça de que “a Cruzada Nacional de Evangelização da Igreja do Evangelho Quadrangular foi o rastilho de pólvora da explosão pentecostal no Brasil”⁵.

Alguns sociólogos e historiadores afirmam que o início dessa explosão pentecostal no Brasil se deu na década de 1940, associando-a ao início do processo de industrialização, com a migração e o crescimento dos centros urbanos, onde os pentecostais iriam evangelizar. Outros vêem o início da explosão pentecostal a partir da década de 50. Seja como for, claro está que a pregação insistente e ampla da cura divina foi o rastilho para essa explosão, pois pastores e outras lideranças tanto de igrejas evangélicas tradicionais quanto de pentecostais, bem como lideranças de missões estrangeiras, foram envolvidas pela pregação da cura divina, surgindo cisões e fundações de inumeráveis igrejas pentecostais.

Quem vem à procura de cura e da bênção não vem com a intenção de filiar-se à Igreja. Por isso a relação com a Igreja caracteriza-se como descompromissada. Estudiosos classificam esta e muitas outras igrejas como “agências de cura”, em contraposição às igrejas pentecostais tradicionais abordadas anteriormente. A cura é o objetivo final e não apenas um elemento no percurso da fé, como é o caso nas igrejas pentecostais tradicionais. Com o termo “agência de cura divina” alguns estudiosos também querem ressaltar que essas igrejas pentecostais são organizadas como se fossem um empreendimento empresarial do fundador, que vem a ser o “dono” da Igreja, o que pelo menos no início fica bem evidente no caso do fundador da Igreja “O Brasil para Cristo”. Para distinguir este fenômeno das igrejas pentecostais tradicionais, estudiosos falam de “neopentecostalismo” ou

“pentecostalismo autônomo”, pois se formam congregações independentes e autônomas numa articulação maior. Um exemplo marcante dessa explosão pentecostal com promessas de cura nos anos 50 é a Igreja “O Brasil para Cristo”, totalmente centralizada ao redor do seu fundador.

4. Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”

O pedreiro pernambucano Manoel de Mello teve inicialmente experiências pentecostais na Assembléia de Deus, onde inclusive tornou-se pastor. Destacou-se por sua pregação direta, sem rodeios e de uma emoção contagiante para as massas populares. Desligado da Assembléia de Deus, tornou-se pastor da Quadrangular e, como evangelista, foi com a sua tenda de pregação e de cura de lugar para lugar. Sentindo a crescente atração do público, saiu da Quadrangular para iniciar o movimento “Brasil para Cristo”, a exemplo do movimento pentecostal chileno “Chile para Cristo”⁶. Mello auto-intitulava-se “missionário” e em 1950 fundou a Igreja Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”, sendo seu chefe. É claro que nesta nova Igreja vamos encontrar muitos elementos da Assembléia de Deus e da Quadrangular, como, p. ex., a bênção e a unção de óleo para enfermos, a oração coletiva espontânea e os depoimentos pessoais. Não constatei nesta Igreja uma preocupação acentuada pela glossolalia.

Mello construiu no Bairro da Lapa, em São Paulo, o templo-sede, o maior templo da América Latina, com um largo anfiteatro para 15.000 pessoas, salas para cursos, estudos e assistência social e médica. É sem dúvida a primeira Igreja Pentecostal que nasceu sem influência direta de missionários estrangeiros. Mas ela ainda se diferencia no mínimo em mais dois aspectos:

1. O missionário Mello solicitou a filiação de sua Igreja à Confederação Evangélica do Brasil e ao Conselho Mundial de Igrejas;

2. Ele se empenhou pessoalmente na política partidária, valorizando o engajamento político, elegendo alguns pastores seus para o legislativo estadual e federal pelo MDB, que naquela época representava a oposição ao regime militar. Manoel de Mello participou de uma celebração ecumênica-política na Catedral da Sé que lembrou a morte de Vladimir Herzog nas mãos da ditadura militar. Mas em 1982 fez campanha aberta para o PDS e procurou eleger o seu filho vereador de São Paulo pelo mesmo partido. Toda a sua campanha política através da rádio e em cultos não obteve o resultado desejado, pois os membros da sua Igreja votaram em outros candidatos.

No ano passado visitei o templo-sede e constatei que há somente dois cultos semanais, num gritante contraste com os vários cultos diários da época áurea desta Igreja. Além disso, várias salas estão sendo alugadas para cursos supletivos e de

preparação para o vestibular. É uma Igreja popular, que atrai a população pobre e periférica das cidades e conta hoje com 800.000 fiéis, conforme a AEVB. O sucessor de Manoel de Mello é o seu filho Lutero, enquanto o seu cunhado iria fundar a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”.

5. Igreja Pentecostal “Deus É Amor”

O cunhado de Manoel de Mello, o missionário Davi Miranda, fundou esta Igreja em 1973, em São Paulo. Sua base doutrinária tem os aspectos centrais do pentecostalismo, mas está centrada na cura divina. Esta Igreja conseguiu difundir-se rapidamente por todo o Brasil, pois atraiu e atrai a massa popular pobre e periférica também de outras religiões que busca desesperadamente o mínimo necessário para a sobrevivência, como saúde e emprego. É a religião da aflição (Peter Fry). Atualmente esta Igreja está construindo templos gigantescos, p. ex. nos fundos da Estação Rodoviária de Porto Alegre. Mas surgiu uma grande concorrência, a “Igreja Universal”.

6. Igreja Universal do Reino de Deus

Hoje o exemplo mais atual e conhecido de uma Igreja como “empresa de cura divina” centrada no seu fundador, que é considerado “dono” da Igreja, é a de Edir Bezerra Macedo. Ex-funcionário da Loteria Esportiva do Rio de Janeiro, era católico e umbandista. Um amigo seu relatou, numa entrevista na TV, que em 1977 foi convidado por Edir para fundar uma religião a fim de ganhar muito dinheiro. O amigo disse que não aceitou o convite. Mas Edir não desistiu e, no mesmo ano ainda, fundou a Igreja Universal do Reino de Deus num salão onde funcionava uma funerária no Rio de Janeiro. Começou a alugar salas, salões, oficinas e cinemas, propagando rapidamente a sua Igreja pelo Brasil afora. Todos os locais são pintados com o inconfundível logotipo da pomba vermelha, representando o Espírito Santo, com o nome da Igreja em letras garrafais e o seu lema em letra gótica: “Jesus Cristo é Senhor”, que também se lê no altar. Edir auto-intitula-se pastor e, desde que levou a Igreja para os Estados Unidos, também se auto-intitula bispo.

Pelo menos até agora a característica da mensagem dos pastores e missionários desta Igreja é uma única: a guerra contra os cultos afro-brasileiros, qualificados indistintamente como demoníacos. Há vários cultos diários nos templos da Universal e todos fazem parte dessa guerra, especialmente contra a macumba, como dizem. Os exorcistas gritam aos berros, perguntando ao público inúmeras vezes: “Vamos acabar com a macumbaria, com essa porcaria? A macumba não é uma grande porcaria?” E a platéia responde afirmativamente e grita dizendo que a Igreja vai terminar com a macumba para sempre.

Para a Universal todos os orixás são demônios, e os demônios causariam todos os males e todos os sofrimentos, seja doença, desemprego, pobreza, fome, problemas no relacionamento pessoal, matrimonial, familiar, etc. E os pastores nunca hesitam. Qualquer pessoa que venha procurar ajuda na Igreja deve ser exorcizada, sem refletir ou dialogar. É o que mostrou um vídeo exibido pela Manchete. O homem gago foi para a Universal para ser curado. O pastor imediatamente lhe ordenou: “Ajoelha, pois você está com o demônio. Vou tirá-lo.”

Assisti a um dos primeiros cultos da Universal em 1984 no centro de Novo Hamburgo, às 15h, acompanhando um jovem da comunidade da IECLB, entusiasmado com a vibração dos participantes no culto. Mas juntos observamos que a vibração naquela tarde não era tão grande como a esperada. O próprio missionário estava decepcionado, pois o povo não respondia com muito vigor aos aleluias, améns e demais apelos. Por isso ele interrompeu a sua pregação, reclamando da falta de alento. Desafiou o povo dizendo: “Mas todos vocês almoçaram e estão com muita força para falarem bem mais alto. Repitam comigo agora...” Mas a reação não foi satisfatória para o pastor. Por isto ele perguntou: “Quem de vocês almoçou hoje?”, esperando que todos levantassem a mão. Mas apenas duas pessoas levantaram a mão, pois realmente eram muito pobres. O missionário fez de conta que não viu nada, muito menos refletiu sobre a questão financeira, pois continuou a pregar e rapidamente deu início a um verdadeiro leilão de orações. Iniciou com o valor de meio salário mínimo. É claro que ninguém do público foi para a frente para dar o dinheiro e receber a oração de cura e a bênção. O missionário foi baixando sempre mais o valor, sem que alguém viesse à frente. Repetiu os apelos e no final ofereceu orações por um valor reduzidíssimo. Mas ninguém foi curado fisicamente. O membro da Juventude Evangélica (JE) fez um sinal para sairmos. Parecia que ele estava “curado” da sua obsessão pela Universal, pois agora estava disposto a dialogar sobre o culto cristão.

Com as suas promessas de cura, Edir Macedo conseguiu, na sexta-feira santa de 1991, lotar o Maracanã com pessoas pobres e ansiosas por cura e bênção. Apesar de muitos exorcismos no palco montado sobre o gramado, não aconteceu nenhuma cura física. Por isso, em certo momento, Edir incentivou os que verdadeiramente criam em Jesus Cristo a atirarem os óculos no gramado para serem recolhidos, quebrados e então jogados no lixo. Ele ressaltou que o verdadeiramente crente em Jesus Cristo não precisa usar óculos. Alguns atiraram os seus óculos no gramado, para demonstrarem a sua fé verdadeira.

Alguns dias mais tarde a TV Globo entrevistou Edir e a jornalista lhe perguntou: “O senhor usa óculos?” E ele respondeu: “Não.” Aí a câmara focalizou os óculos de Edir sobre a Bíblia, e ele imediatamente acrescentou: “Uso óculos só para ler.” Então a jornalista o questionou a partir da sua pregação no Maracanã, perguntando por que ele, na qualidade de líder da Igreja, ainda usava óculos; portanto, não teria sido curado nem possuiria a verdadeira fé. Edir respondeu que isso era “um mistério da fé”, dando uma gargalhada. A jornalista ainda

o questionou a respeito do muito dinheiro coletado em sacos no Maracanã, perguntando se esse dinheiro não faltaria na panela do povo. Edir respondeu: “Só faz falta para aquele que não crê.”

Foram iniciadas investigações jurídicas contra Edir Macedo, acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato contra as camadas mais pobres da população, bem como de depredação de templos e ataques verbais contra outras religiões, inclusive de agressões físicas. Em 1992 ele foi preso por algumas semanas; depois, libertado, foi ao exterior. Atualmente vive na Cidade do Cabo, na África do Sul. A Universal afirma que nos seus mil templos espalhados pelo Brasil haveria seis milhões de freqüentadores, dos quais considera três milhões como fiéis⁷. Estatística correta é que a Universal hoje tem seis emissoras de televisão, que compõe a Rede Record, 16 rádios e no mínimo dois jornais. O semanário *Folha Universal* tem uma tiragem de 400.000 exemplares (o *Jornal Evangélico* da IECLB, bimensal, não chega a 6.000 exemplares) e o diário *Hoje em Dia*, em Minas Gerais, tem 35.000 exemplares⁸. E a Universal foi levada do Brasil para muitos países. Hoje está organizada em 30 países.

A Universal virou novamente manchete no Brasil quando, no dia 18 de junho de 1994, reuniu mais de 400.000 pessoas no Aterro do Flamengo, no Rio. A revista *Isto É* relata que “foi o maior ato público no País desde o *impeachment* do presidente Fernando Collor”⁹. Nesse encontro, chamado de “O Clamor da Nação”, Edir Macedo ressaltou que as eleições presidenciais seriam uma disputa entre os candidatos de Deus e do diabo, referindo-se indiretamente a Lula. Numa tiragem de mais do que dobro do normal (900.000 exemplares), o semanário trouxe uma foto de Lula, afirmando, p. ex.: “Votar no Lula é implantar o medo e sepultar a esperança de uma nação livre e soberana.”¹⁰

7. Igreja da Nova Vida

O americano Robert McAlister foi pregador na Assembléia de Deus e na Igreja do Evangelho Quadrangular. Numa barraca de lona realizava pregações e dava bênçãos. O seu programa radiofônico diário em São Paulo lhe daria o último empurrão para fundar a sua Igreja em 1960, pois o número de simpatizantes e adeptos ia crescendo dia após dia em torno do seu programa de rádio. O bispo Roberto, como ele se autodenomina, alugou um auditório da Associação Brasileira de Imprensa e iniciou a construção da sede com recursos do exterior e doações de adeptos e simpatizantes do seu programa radiofônico. A sede está situada no Botafogo, no Rio de Janeiro. Consiste de sete andares, sendo que o templo está no andar térreo, um salão com extensa galeria, poltronas estofadas e ar condicionado, sinalizando claramente que quer atrair pessoas da classe média e alta. E o bispo Roberto justifica isso dizendo que o Espírito Santo foi enviado para todos, também para pessoas abastadas.

No culto não se verifica a explosão espontânea de palavras e gestos que observamos em igrejas pentecostais formadas por pessoas das classes pobres e periféricas. Na Nova Vida os gestos são comedidos, mas sempre há espaço para orações espontâneas, repetidas em alta voz pelos fiéis.

Não tenho dados estatísticos, mas a Igreja Nova Vida expandiu-se para vários estados brasileiros, e em seus cultos encontrei membros da IECLB. É uma Igreja menor, mas serve de exemplo de uma Igreja Pentecostal que trabalha com a classe média.

8. Alguns Aspectos Fundamentais da Doutrina Pentecostal

8.1. Dons do Espírito Santo

O pentecostalismo quer resgatar a experiência dos diversos dons do Espírito Santo, baseando-se especialmente em Atos 1 e 2 e ainda em 1 Coríntios 12-14. Os pentecostais insistem que todos os crentes recebem dons do Espírito Santo. Por conseguinte, deveria acontecer uma democratização do religioso. De fato essa compreensão leva a uma participação muito viva de todos os presentes durante o culto e quase todos são ativos na sua congregação. Por isso a consequência seria a superação da estrutura hierárquica “clérigo-leigo”, tão característica da Igreja Católica Romana, da qual quase a totalidade dos crentes provêm. Mas na realidade não constatei uma total democratização nas igrejas pentecostais, pois observo o aspecto hierárquico no pentecostalismo como algo normal, refletindo a sociedade brasileira. Existe no pentecostalismo inclusive uma hierarquia nos dons, demonstrando-se especificamente na glossolalia, que é considerada um dos mais altos, e às vezes se tem a impressão de que é o mais alto. Lembro-me, p. ex., que há dez anos um ex-membro da Juventude Evangélica de Novo Hamburgo veio visitar a JE duas semanas antes de Pentecostes para convencer os jovens que o falar em línguas seria necessário para alcançar a santificação total. Disse, em resumo, que um cristão deve aspirar a este dom e, para alcançar a perfeição, deve exercitá-lo. Aí estudamos 1 Coríntios 12-14, e os jovens descobriram que o maior dom é o amor e que este exatamente deve prevalecer em todas as igrejas cristãs. Creio que isto é fundamental para o nosso diálogo com os pentecostais, lembrando que o falar em línguas já era exigido como sinal visível do Batismo do Espírito Santo nos primórdios do pentecostalismo nos Estados Unidos.

8.2. O Batismo do Espírito Santo

Vimos que nos primórdios do pentecostalismo norte-americano já se destacava o Batismo do Espírito Santo como terceira bênção após a justificação e a santificação. O pentecostalismo procura em Atos 2 a base doutrinária para o Batismo do Espírito Santo, que se evidencia no falar em línguas no dia de Pentecostes. É daí que se derivam as designações “pentecostalismo” e “pentecostais”.

Lemos em Atos 2.4: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” E a seguir lemos que isso significava que todos, inclusive os estrangeiros, ouviram falar em sua língua materna (Atos 2.6-11). Isto é outra coisa do que falar em línguas (glossolalia).

Cabe lembrar aqui que no pentecostalismo brasileiro a justificação aconteceria no momento da conversão pessoal a Jesus Cristo e que mais tarde a santificação se realizaria de forma total no Batismo do Espírito Santo. Normalmente, no pentecostalismo o Batismo do Espírito Santo acontece após o “Batismo nas águas”, como dizem os pentecostais. Depois de uma preparação e uma expectativa muito grande e forte acontece o Batismo do Espírito Santo. Às vezes pode acontecer simultaneamente ou até antes do Batismo nas águas.

Como experiência envolvente carregada de fortes emoções indescritíveis, o Batismo do Espírito Santo proporciona ao fiel o sentimento de eleição divina. Sentindo-se numa nova condição, o fiel expressa a “morte para o pecado” na participação ativa através dos dons concedidos pelo Espírito Santo. Rompendo com o “mundo”, o crente sente-se mais forte. Agora, Deus não está apenas presente, na verdade, ele é mais forte.¹¹

A experiência religiosa de ter sido eleito por Deus, selada pelo Batismo do Espírito Santo, é para o crente a sua distinção em relação a todas as demais pessoas. E essa diferença ele mostra visivelmente na sua maneira de viver, afastando-se do mundanismo, como da TV, cinema, baile, fumo, bebidas alcoólicas, etc. A diferença também é mostrada através de outras proibições: p. ex., a mulher não pode usar maquiagem nem lhe é permitido aparar os cabelos. A ruptura com as “coisas do mundo” é sinal visível do crente e pré-condição para receber o Batismo do Espírito Santo. Essa separação dos eleitos ainda é cimentada pelo terceiro pilar da doutrina pentecostal.

8.3. A segunda vinda de Cristo

Os pentecostais ressaltam incansavelmente que a segunda vinda de Cristo estaria bem próxima e que ele acolherá os convertidos, formando o seu povo eleito, e separará os perdidos, os mundanos. Como sinais visíveis da proximidade da vinda de Cristo são considerados todos os acontecimentos trágicos da atualida-

de, como fome, desemprego, violência, guerra, catástrofes, etc. A manifestação dos dons, em especial o falar em línguas, é interpretada como sinal de que o reino de Deus estaria próximo. Os pentecostais afirmam que atualmente estaríamos vivendo numa época de “dispensação”, que é o prenúncio da chegada do milênio. E essa visão doutrinária os leva a uma postura diferente diante da sociedade.

8.4. Postura Diferente diante da Sociedade

Já vimos que os pentecostais interpretam as tragédias como sinais da proximidade da segunda vinda de Cristo. Eles citam e estudam todos os textos do Novo Testamento a este respeito, mas em especial os textos apocalípticos. Já que tantas tragédias deverão acontecer antes da vinda de Cristo, os pentecostais optaram por não se engajar na transformação da desesperadora situação social e econômica do Brasil, da opressão e de tantas injustiças e tragédias. Isso acontece desde a sua origem no pentecostalismo conservador dos brancos nos Estados Unidos. Apontamos para o fato de que no movimento pentecostal negro a santificação fazia parte da luta política de resistência à dominação e opressão econômica e ao mesmo tempo da valorização da força cultural dos negros. No Brasil de hoje também vamos encontrar este aspecto onde se deixou de lado a leitura pentecostal extremamente conservadora das tragédias apocalípticas. Um exemplo positivo já foi a participação de Manuel de Mello na celebração ecumênico-política na Catedral da Sé citada acima. Hoje há muito mais exemplos. Cito a seguir uma parte de um documento elaborado por um grupo de pastores pentecostais reunidos em Santiago do Chile em dezembro de 1990, que discutiu o tema “pentecostalismo e libertação”:

Reafirmamos nossa convicção na obra do Espírito Santo, que se manifesta nos diversos dons; nas experiências de fé que impactam a vida pessoal, a vida familiar, a vida comunitária e toda a criação, transformando-as e enchendo-as da plenitude de Deus. Plenitude de Deus que se mostra na multiforme graça do Senhor; nas ações libertadoras do Espírito que quebram estruturas pecaminosas de destruição, miséria e morte, vencidas por Jesus Cristo; nos testemunhos poderosos de mulheres e homens que, na Igreja e fora dela, lutam e trabalham pela “vida abundante”, promessa de Jesus, com os pobres, os tristes, os que não têm quem os socorra, os oprimidos.

Todas estas manifestações do Espírito nos movem a continuar esquadrinhando a riqueza do dom do discernimento, para compreender a vontade de Deus, agradável e perfeita; igualmente, a promessa do Reino de justiça, de paz, amor e gozo no Espírito Santo; e, também, a continuar contribuindo no caminho de um ecumenismo do Espírito, a partir da perspectiva do pobre, para o movimento Ecumênico e para a missão da Igreja.

A glória seja sempre para Deus.¹²

Por fim cabe dizer ainda que existe também um posicionamento sócio-político muito conservador entre os pentecostais que vão alcançando pessoas da

classe média. Se o mundo está começando a tornar-se bom, isto é, alguns pentecostais deixam de ser pobres, por que deveriam insistir tanto no fim do mundo? Conseqüentemente, neste caso o discurso sobre o fim do mundo vai se enfraquecendo. Isto está muito forte na assim chamada teologia da prosperidade, que tem o seu expoente na Igreja Universal do Reino de Deus. É possível ouvir diariamente em muitas rádios e emissoras de TV testemunhos de que bastaria converter-se a Cristo para ter garantido o sucesso material para a sua vida pessoal. É toda uma visão do pensamento positivo da Nova Era que está sendo difundida por determinados grupos pentecostais. Felizmente já surgiram críticas contra essa teologia dentro do próprio pentecostalismo: cito como exemplo o livro de Ricardo Gondim intitulado *O Evangelho da Nova Era. Uma Análise e Refutação da Chamada Teologia da Prosperidade*.

Bibliografia

BOBSIN, Oneide. *Produção Religiosa e Significação Social do Pentecostalismo a partir de Sua Prática e Representação*. Tese de Mestrado apresentada na PUC de São Paulo, 1984.

—. *Trabalhadores Protestantes Urbanos; Religião e Ética do Trabalho*. Tese de Doutorado apresentada na PUC de São Paulo, 1993.

—. *Pentecostalismo: a Ordem do Caos*. Fascículo nº 6 do Grupo de Trabalho sobre Novos Movimentos Religiosos, São Leopoldo, 1994.

BOUDEWIJNSE, Barbara et al. *Algo más que Opio; uma Lectura Antropologica del Pentecostalismo Latinoamericano y Caribeño*. San José, DEI, 1991.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI). *Alternativas dos Desesperados; como Se Pode Ler o Pentecostalismo Autônomo*. Rio de Janeiro, CEDI, 1991.

GONDIM, Ricardo. *O Evangelho da Nova Era; uma Análise e Refutação da Chamada Teologia da Prosperidade*. São Paulo, Abba Press, 1993.

HOLLENWEGER, Walter. *El Pentecostalismo; Historia e Doctrina*. Buenos Aires, La Aurora, 1976.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa & VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1990.

PAULY, Evaldo Luis. *E os Crentes?* São Leopoldo, Sinodal, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil; uma Interpretação Sócio-Religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1985.

SOUZA, Beatriz Muniz. *Experiência de Salvação*. São Paulo, Duas Cidades, 1969.

Notas

1 *Folha de S. Paulo*, 10 maio 1993, p. 14.

2 Walter HOLLENWEGER, *El Pentecostalismo*, pp. 9s.

3 Francisco C. ROLIM, *Pentecostais no Brasil*, pp. 70ss.

4 Antônio G. MENDONÇA, *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, p. 48.

- 5 ID., *ibid.*, p. 52.
- 6 Francisco C. ROLIM, *op. cit.*, pp. 52s.
- 7 Guerra Santa; Edir Macedo Investe na Luta contra o Diabo Lula, *Isto É*, 29 jun. 1994, p. 26.
- 8 *Ibid.*, p. 27.
- 9 *Ibid.*, p. 26.
- 10 *Ibid.*, p. 27.
- 11 Oneide BOBSIN, *Pentecostalismo: a Ordem do Caos*, p. 8.
- 12 In: Carmelo ALVAREZ, ed., *Pentecostalismo y Liberación*, San José, DEI, 1992, p. 254.

Ingo Wulfhorst
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS